

# ÁREA DE ESTUDO ACOMPANHADO: O QUE FAZER?

ARIANA COSME E RUI TRINDADE

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

**À área de Estudo Acompanhado competiria assumir-se como um espaço-charneira para implementar propostas que contribuam para o desenvolvimento de novas experiências de trabalho e de aprendizagem dos alunos.**

A área de Estudo Acompanhado constitui uma das medidas emblemáticas do processo de reorganização curricular do Ensino Básico, inserindo-se, por isso, no conjunto de propostas que o Ministério da Educação produziu para estimular as escolas deste nível de ensino a proporcionar a todas as crianças, independentemente do seu capital cultural, as condições necessárias que lhes permitam completar de forma bem sucedida as diferentes etapas da escolaridade básica. O que, neste caso, significa que a área de Estudo Acompanhado deverá ser discutida em função do modo como pode contribuir para o desenvolvimento de um projecto de escolaridade

básica socialmente credível, culturalmente relevante, pedagogicamente exigente e congruente com as finalidades educativas de uma sociedade que se afirma como democrática. Qual o contributo da área de Estudo Acompanhado para o desenvolvimento de um tal projecto de escolaridade básica? Quais as suas finalidades primordiais?

Numa resposta necessariamente breve, pode considerar-se que a área de Estudo Acompanhado deverá inspirar um conjunto de acções de intervenção educativa que propiciem aos alunos a possibilidade de:

- reconhecerem o seu potencial e as suas especificidades cognitivas face aos mais diversos tipos de tarefas escolares;
- desenvolverem estratégias pessoais, tendo em conta a natureza das tarefas e os objectivos das mesmas;
- aprenderem a avaliar as suas possibilidades face a uma tarefa, as condições que permitem realizá-la de um modo mais adequado e a monitorizar o seu desempenho ao longo do processo de realização dessa tarefa.

Por isso, não se pode atribuir, apenas, à área de Estudo Acompanhado a responsabilidade pelo desenvolvimento deste conjunto de competências, já que estas dizem respeito, de facto, a todas as áreas curriculares. À área de Estudo Acompanhado competiria, então,

assumir-se como uma espécie de espaço-charneira, um pretexto para se discutir e implementar outras propostas que contribuam para o desenvolvimento de novas experiências de trabalho e de aprendizagem dos alunos. Ou seja, de acordo com esta perspectiva, a área de Estudo Acompanhado não pode ser identificada nem como mais uma oportunidade educativa a acrescentar às oportunidades educativas já existentes, nem como uma área com um impacto circunscrito apenas ao desempenho escolar dos alunos, nem tão pouco como uma intervenção de carácter marginal nem, muito menos, como um espaço subalterno, instrumentalizado pelas restantes áreas curriculares. No âmbito de uma abordagem que recusa entender os espaços relacionados com o Estudo Acompanhado como espaços insulares, escolásticos, compensatórios e periféricos, privilegia-se, antes, um projecto que contribua a seu modo para que se possam descobrir outros sentidos para os actos de ensinar e de aprender no seio das escolas.

Como aprendo? Como estudo? Como comunico? Como registo? De que ajudas necessito? São questões às quais os alunos vão aprendendo a responder, aprendendo concomitantemente a auto-conhecer-se, a alargar o campo das perspectivas que possuem acerca das suas possibilidades de intervir no meio que os envolve, a compreender a importância dos outros neste âmbito e a rentabilizar o seu espaço relacional. Questões que, importa reconhecer, se colocam de forma necessariamente distinta no âmbito dos três ciclos do Ensino Básico.

## No 1º Ciclo do Ensino Básico

Competências essenciais	Desempenho no final do 1.º Ciclo
Domínio dos mecanismos básicos de extracção do significado do material escrito	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aprender o significado global do texto;</li><li>• Identificar as ideias principais do texto;</li><li>• Estabelecer a sequência dos acontecimentos principais;</li><li>• Identificar a sequência cronológica das acções a realizar para executar uma determinada actividade;</li><li>• Localizar no texto a informação pretendida;</li><li>• Antecipar informação a partir de capas, gravuras, títulos e primeiras linhas.</li></ul>

Fig. 1

No 1º Ciclo, a área de Estudo Acompanhado terá de ser equacionada em função da especificidade deste nível de ensino, nomeadamente, dos seus objectivos fundamentais, das crianças que o frequentam, da sua cultura pedagógica e do regime de monodocência que o caracteriza. Para “desenvolver alguns dos requisitos e competências que legitimam a introdução desta área, não é necessário criar um espaço de intervenção específico, já que tal propósito constitui, afinal, uma exigência relacionada com o tipo de trabalho a promover nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e, igualmente, nas áreas das expressões” (Cosme & Trindade, 2001: 8)<sup>1</sup>. A afirmação desta posição de princípio não significa, contudo, que desvalorizemos, no 1º Ciclo, o desenvolvimento de competências de estudo e a aprendizagem de métodos de trabalho e de organização. O que pretendemos valorizar é, antes de mais, o facto de um projecto subordinado a tais finalidades dever ocorrer em função do trabalho quotidiano dos alunos nas diferentes áreas disciplinares. Veja-se, a título de exemplo, o quadro da fig.1 onde se enuncia um dos conjuntos de competências essenciais, em Língua Portuguesa, na área da leitura, e verifique-se, então, como essas competências correspondem ao conjunto de requisitos necessários para que uma criança possa organizar e desenvolver a sua autonomia em situações de estudo. Neste sentido, o trabalho quotidiano que os professores realizam para que os seus alunos adquiram e dominem essas competências pode ser considerado um modo de concretizar os propósitos e as finalidades da área de Estudo Acompanhado no 1º Ciclo. Por outro lado, importa que os docentes do 1º Ciclo valorizem, igualmente, quer as actividades quotidianas dos seus alunos, no âmbito das quais realizam fichas de trabalho, actividades de investigação, trabalhos de grupo, etc. quer o tipo de acompanhamento que lhes proporcionam neste âmbito, já que é através da forma como os mesmos são geridos que se podem cumprir as finalidades que, eventualmente, justificam a introdução da Área de Estudo Acompanhado nos planos de estudos deste nível de ensino. Assim, pode afirmar-se que, no 1º Ciclo, o cumprimento dos objectivos relacionados com a área de Estudo Acompanhado depende, sobretudo:

- da qualidade dos contactos pessoais e do reconhecimento dos diferentes tipos de relações que os alunos estabelecem com o saber escolar;
- do fornecimento aos alunos de roteiros que permitam abordar um texto, realizar pesquisas, trabalhos individuais e de grupo ou assumir outros tipos de tarefas;
- do tipo de instrumentos que se elaboram para que os



alunos aprendam a organizar as suas actividades (quadros de tarefas, planos individualizados de trabalho, quadros colectivos e individuais de avaliação e auto-avaliação dessas tarefas);

- das intervenções que visam ensinar os alunos a aprender a aprender, como, por exemplo, a consultar dicionários, prontuários, enciclopédias, a utilizar o índice de um livro ou a rever um texto e as respostas a um questionário.

### Nos 2º e 3º Ciclos

Nos 2º e 3º Ciclos, estes princípios pedagógicos continuam a ser válidos. Há que reconhecer, contudo, que a atomização curricular, os tempos lectivos espartilhados, o regime de pluridocência e a própria história destes ciclos de ensino justificam outros tipos de preocupações face ao processo de imple-

**Como aprendo? Como estudo?  
Como comunico? Como registo?  
De que ajudas necessito? São  
questões às quais os alunos vão  
aprendendo a responder.**

<sup>1</sup> COSME, Ariana; TRINDADE, Rui (2001). *Área de Estudo Acompanhado. O essencial para ensinar a aprender*. Porto; Edições ASA (Coleção Guias Práticos).

mentação da Área de Estudo Acompanhado. Daí que se deva reflectir quer sobre o modo como todos os professores podem apoiar e acompanhar o estudo dos seus alunos<sup>2</sup>, quer sobre o tipo de articulação a estabelecer entre estes e a área de Estudo Acompanhado quer, finalmente, sobre o trabalho a desenvolver nesta área.

Um primeiro e provisório olhar sobre a implementação da área de Estudo Acompanhado nas escolas dos 2º e 3º Ciclos permite-nos constatar que, nestes contextos, o debate em torno da área de Estudo

## Os trabalhos de casa não garantem, só por si, o desenvolvimento de competências de auto-aprendizagem dos alunos.

Acompanhado ocorre em função de propósitos bastante diversos que, aliás, estão na origem de projectos de intervenção que, nuns casos, se distinguem, apenas, quanto

aos pormenores de carácter metodológico e, noutros, se diferenciam já quanto ao seu sentido pedagógico. Tais propósitos podem ser categorizados, tanto quanto possível, em função de três tipos de tendências estruturantes:

- a) A primeira tendência expressa-se através de projectos que se desenvolvem sob a égide de um programa de trabalho que visa promover o desenvolvimento de competências, cognitivas e metacognitivas, em articulação com as exigências e as tarefas dos alunos na escola;
- b) A segunda tendência norteia aqueles projectos que se definem em função de objectivos idênticos aos dos projectos anteriores, distinguindo-se destes pelo facto das suas propostas de intervenção não se encontrarem directamente relacionadas com as tarefas escolares;
- c) A terceira tendência privilegia, sobretudo, os denominados trabalhos de casa como o objecto de intervenção na área de Estudo Acompanhado, transformando a área numa espécie de Apoio Pedagógico Acrescido – que não o é e que não interessa que seja.

Embora, na prática, os projectos de trabalho nem sempre possam ser enquadrados numa das três categorias referidas, vale sempre a pena reflectir sobre as implicações concretas das três tendências enunciadas quanto ao modo como influenciam a organização da área de Estudo Acompanhado e a articulação entre esta área e as restantes áreas curriculares.

<sup>2</sup> Esta possibilidade de intervenção pedagógica primordial, ao nível dos 2.º e 3.º ciclos, tem actualmente maiores hipóteses de expressão com a introdução dos tempos lectivos de 90 minutos, o que irá permitir o desenvolvimento de outros tipos de dispositivos e outras formas de mediação pedagógica que até agora não foram suficientemente explorados pela generalidade dos professores.

## Competências metacognitivas

O quadro da figura 2 expressa o que poderá ser entendido como um projecto referente ao primeiro tipo de tendência enunciado, o qual confrontamos com três questões a ter em conta: (i) Quais os ganhos de um projecto deste tipo se, por exemplo, as actividades referentes à abordagem e ao tratamento da informação escrita e à Matemática ou o apoio à realização das tarefas escolares se circunscreverem, apenas, ao tempo lectivo da Área de Estudo Acompanhado? (ii) Quais as vantagens deste projecto se tais actividades se desenvolverem, nesta área, de um modo dissociado das práticas educativas que têm lugar no âmbito das diversas disciplinas? (iii) O que se ganha e o que se perde se este projecto se transformar num programa a aplicar sem ter em conta as necessidades e as competências específicas dos alunos para quem se destinam?

Proposta de um projecto de intervenção educativa na Área de Estudo Acompanhado<sup>3</sup>

EIXOS PEDAGÓGICOS ESTRUTURANTES	CAMPOS DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA	ACTIVIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A qualidade da participação dos alunos é um critério prioritário de avaliação das actividades na área do Estudo Acompanhado: interessa que ao aprender se aprenda a aprender.</li> <li>• A intervenção docente define-se como um processo de participação guiada, o qual pode ser definido pelo conjunto das acções necessárias que os professores realizam, de forma a potenciar a actividade dos alunos no âmbito do processo de ensino-aprendizagem.</li> <li>• Explicita-se o protagonismo dos alunos em função da noção de aprendizagem significativa. Isto é, parte-se do pressuposto que para se aprender é necessário que os professores proponham actividades que permitam a cada aluno compreender os objectivos e o sentido das aprendizagens e estabelecer relações pertinentes entre os conteúdos e os seus conhecimentos prévios.</li> <li>• As actividades na área de Apoio ao Estudo constituem um pretexto para intervenções educativas de natureza mais ampla.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização e funcionamento das salas de apoio ao estudo</li> <li>• Organização do ambiente de trabalho propício ao estudo</li> <li>• A planificação das actividades de estudo</li> <li>• Abordagem e tratamento da informação escrita</li> <li>• O apoio ao estudo na área da Matemática</li> <li>• Apoio à realização das tarefas escolares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que esperamos fazer na área do Estudo Acompanhado?</li> <li>• Discussão das respostas a um questionário relativo às competências e hábitos de estudo de cada aluno.</li> <li>• Organizar um horário semanal das actividades dos alunos;</li> <li>• Analisar e reflectir sobre esse horário semanal;</li> <li>• Aprender a elaborar um plano individualizado de estudo.</li> <li>• O primeiro encontro com um texto: O que fazer?</li> <li>• Aprender a questionar um texto;</li> <li>• Aprender a sublinhar um texto;</li> <li>• Aprender a esquematizar um texto;</li> <li>• Aprender a parafrasear;</li> <li>• Como resumir um texto?</li> <li>• Como tirar apontamentos?</li> <li>• Os planos individualizados de estudo como instrumentos de organização do apoio ao estudo em Matemática;</li> <li>• A utilização de estratégias globais de resolução de problemas.</li> <li>• A realização de trabalhos individuais e de grupo;</li> <li>• A preparação, realização e auto-avaliação dos testes escritos.</li> </ul>

Fig. 2

<sup>3</sup> Adaptação da proposta apresentada pelos autores no trabalho: COSME, Ariana; TRINDADE, Rui (2001). "Área de Estudo Acompanhado: Questões, dilemas e equívocos". *Suplemento do Correio da Educação*, n.º 23. Porto: CRIAP – ASA.

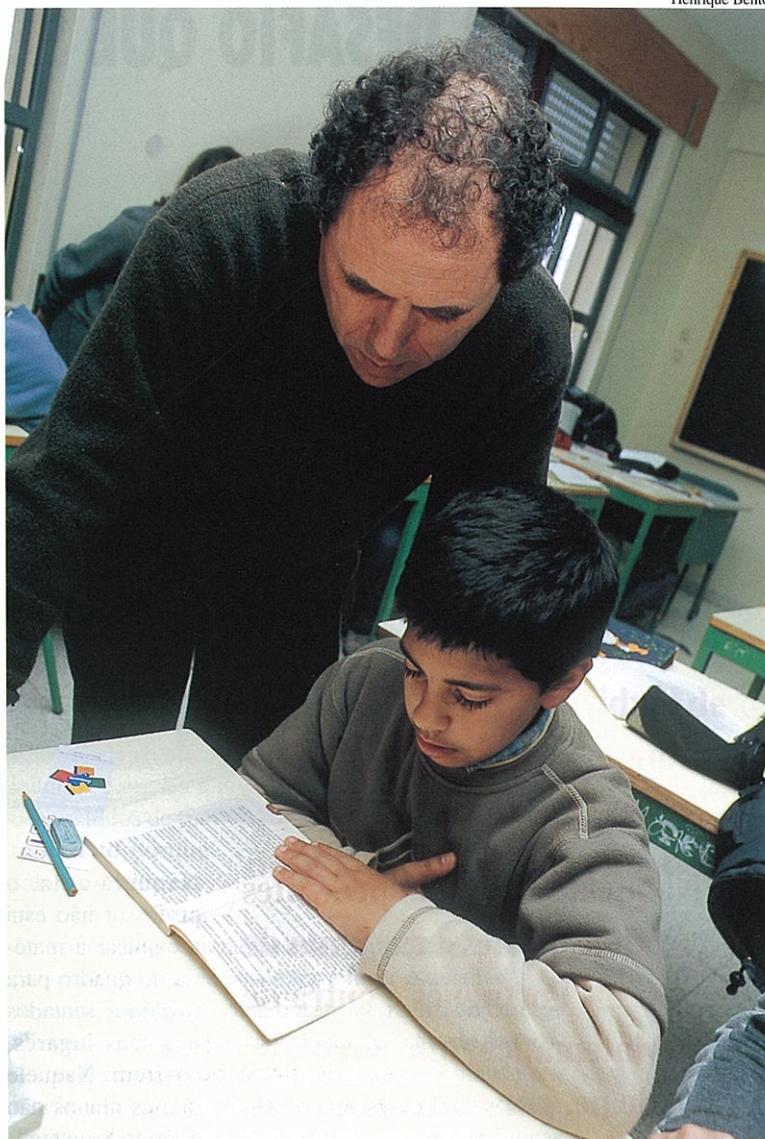
## Competências cognitivas

Os projectos referidos na segunda das tendências enunciadas desenvolvem-se, por sua vez, em função de programas sequenciais de treino que colocam os alunos perante um conjunto de tarefas (textos, jogos com conteúdos figurativos e numéricos, problemas, discussões em grupo, etc.) que visam promover o desenvolvimento das suas competências cognitivas, aprendendo, entre outras coisas, a monitorizar o que fazem, a utilizar estratégias relacionadas com a evocação, a categorização e o relacionamento da informação, assim como a reflectir sobre o seu próprio desempenho cognitivo. Sem pôr em causa a qualidade de tais programas, sem pôr em causa, sequer, a possibilidade de, por vezes, se poderem organizar sessões de trabalho especialmente vocacionadas para permitir aprendizagens neste âmbito, importa, no entanto, compreender os riscos desta opção. O primeiro dos quais tem a ver com a problemática da generalização das competências adquiridas ao universo das tarefas escolares. Não se pode abordar um tal processo em função de uma articulação linear do tipo causa-efeito, nomeadamente quando se sabe que uma tal generalização é dificultada pelo divórcio existente entre a espécie de propostas que um programa de desenvolvimento de competências cognitivas pressupõe e o trabalho realizado no seio das diversas áreas disciplinares; divórcio este que se expressa quer ao nível dos tipos de materiais pedagógicos utilizados, quer ao nível da especificidade das tarefas a realizar, quer ao nível do tipo de relações que se desenvolvem quer também, e finalmente, ao nível das obrigações institucionais que ambos os espaços em questão implicam.

### A opção pelos trabalhos de casa

A opção trabalhos de casa como situação de referência da intervenção a desenvolver no âmbito da Área de Estudo Acompanhado obedece, por sua vez, a um raciocínio bastante simples. Isto é, se os alunos devem aprender a estudar e essa é uma finalidade da Área de Estudo Acompanhado, então os trabalhos de casa são uma tarefa fundamental a realizar nesta área, já que constituem uma actividade que obriga os jovens a estudar e a aprender a estudar por conta própria. Ensinar a estudar, através da realização dos trabalhos de casa, deverá ser, então, o propósito que justifica a existência da Área de Estudo Acompanhado. Perante esta perspectiva, vale a pena, então, reter o seguinte:

- Os trabalhos de casa não garantem, só por si, nem o estudo nem o desenvolvimento de competências de auto-aprendizagem dos alunos. O que o pode garantir é o modo como os trabalhos de casa são pensados, apoiados, geridos e avaliados;
- Admite-se que se pode ensinar a estudar através dos trabalhos de casa, no momento em que estas tarefas possam ser objecto de diferenciação pe-



dagógica, se adequem às competências, saberes e experiência académica dos alunos, sejam organizados, de forma intencional, em termos dos desafios a propor e dos recursos a disponibilizar e tenham em conta, também, o tempo real disponível dos alunos quer para estudar quer para usufruir dos seus tempos livres.

- Os trabalhos de casa não podem constituir um instrumento de desresponsabilização pedagógica por parte dos professores, nem muito menos o produto de uma qualquer estratégia de compensação educativa.

Face a este conjunto de postulados, parece-nos, então, que mais do que começar por discutir se os trabalhos de casa deverão ser, ou não, a principal actividade da Área de Estudo Acompanhado, importa reflectir, antes, sobre o sentido formativo, as finalidades, os conteúdos, o tipo de gestão pedagógica, as limitações e as suas possibilidades como proposta de trabalho que visa apoiar a aprendizagem dos alunos e, concomitantemente, promover a sua autonomia como estudantes.